GAYLE FORMAN

autora de *Se eu ficar* e *Eu estive aqui*

EU PERDI O RUMO

ARQUEIRO

Venha, venha, seja quem for. Andarilho, adorador, amante do adeus. Não importa. A nossa caravana não é de desesperança. Venha, ainda que por mil vezes tenha quebrado seus votos. Venha, mais uma vez, venha, venha.

– Jalaluddin Rumi

Nem todos os que vagueiam estão perdidos.

– J. R. R. Tolkien

1

EU PERDI O RUMO

Eu perdi o rumo.

Freya encara as palavras que acabou de digitar no celular.

Eu perdi o rumo. De onde veio isso?

– Com licença, senhorita – repete o motorista. – Acho que me perdi.

Então Freya retorna, assustada, à realidade. Está no banco de trás de um carro a caminho da sétima – ou seria oitava? – consulta das últimas duas semanas, e o motorista acabou de fazer o retorno ao sair do túnel.

Ela acessa a agenda.

– Park e 70 – orienta o motorista. – Vire à direita na Terceira, então à esquerda na 71.

Freya volta a atenção para a tela. *Eu perdi o rumo.* Quinze caracteres. As palavras carregam o inegável toque da verdade, soando como um dó central. De uma forma que poucas de suas publicações nos últimos dias carregam. Mais cedo, alguém do escritório de Hayden publicou uma foto dela segurando um microfone, com um sorriso. *#NasciParaCantar*, dizia a legenda. *#QuintaDaGratidão*. Na verdade deveria ser *#TBT*, *Throwback Thursday*, porque a imagem é uma recordação de semanas atrás, de uma pessoa que já não existe.

Eu perdi o rumo.

O que aconteceria se postasse isso? O que diriam se soubessem?

Quando o celular emite um som, Freya percebe que postou. As reações começam a chegar, mas, antes que tenha a chance de ler, chega uma mensagem da mãe: 720 Park Ave e um alfinete espetado. Porque obviamente a mãe está monitorando o feed de notícias com tanta atenção quanto Freya. E é claro que a mãe entendeu errado. Afinal, Freya não se perdeu. Ela perdeu a voz.

Apaga a postagem, esperando que ninguém tenha sido rápido o bastante para tirar um print da tela ou compartilhar o conteúdo, mas sabe que nada na internet desaparece. Ao contrário da vida real.

A mãe a está aguardando quando o carro chega, andando de um lado para outro, segurando os resultados dos exames pedidos pelo último médico – ela correu pela cidade para pegá-los.

– Bom, bom, você chegou – diz ela, abrindo a porta antes mesmo que o motorista parasse totalmente e puxando Freya para a calçada antes que ela tivesse a chance de entregar ao homem a nota de 10 dólares que havia separado de gorjeta. – Já preenchi a papelada.

A mãe fala como se fizesse isso para adiantar, mas a verdade é que preenche a papelada de todas as consultas de Freya.

As duas são conduzidas direto pela recepção até o consultório. É o tipo de serviço digno de uma consulta de 1.500 dólares, sem reembolso do seguro (valeu, Hayden).

– O que a traz aqui? – pergunta o médico, enquanto lava as mãos.

Ele não olha para Freya. Provavelmente não faz ideia de quem ela seja. Parece velho, um vovô, embora, segundo relatos, já tenha tratado o tipo de prodígio que semanas atrás todos achavam que Freya estava a caminho de se tornar.

Ela deseja ter lido algumas respostas antes de apagar aquele tuíte. Talvez alguém lhe tivesse dito o que fazer. Talvez alguém lhe tivesse dito que tudo bem Freya não poder cantar. Eles ainda a amariam.

Mas sabe que isso é bobagem. O amor é condicional. Tudo é.

– Ela perdeu a voz – responde a mãe. – Temporariamente.

A mãe prossegue, relatando a tediosa e familiar cronologia – "terceira semana no estúdio", "tudo correndo perfeitamente", blá-blá-blá –, e durante todo o tempo a frase *Eu perdi o rumo* perpassa a mente de Freya, como uma música se repetindo, da forma como ela e Sabrina costumavam ouvir a mesma canção sem parar até dissecá-la, até desvendarem e se apropriarem de todos os seus segredos. A mãe delas ficava enlouquecida, mas então descobriu a utilidade daquilo.

O médico palpa o pescoço dela, avalia a garganta, examina os seios nasais. Freya imagina como ele reagiria se ela soltasse uma escarrada. Será que enxergaria nela uma pessoa em vez de uma peça de maquinário defeituosa? Será que a *ouviria*, cantando ou não?

– Pode entoar um dó agudo? – pergunta o médico.

Freya obedece.

– Ela consegue alcançar notas individuais – explica a mãe. – E a afinação é perfeita. Hayden diz que nunca ouviu uma afinação assim antes.

– É mesmo? – fala o médico, sentindo as cordas vocais de Freya. – Vamos tentar uma música. Algo simples, tipo "Parabéns pra você".

Quem é que não consegue cantar "Parabéns pra você"? Até uma criança canta. Até uma pessoa desafinada. Para expressar sua opinião em relação ao pedido, ela começa a entoar a música, mas com um forte sotaque francês:

– *Parrabã prra você...*

Sua mãe fecha a cara e Freya exagera ainda mais o sotaque:

– *Nestá datá chérie...*

Sua voz, no entanto, é mais esperta do que ela pensa. Não será enganada por palhaçadas ou um falso sotaque malfeito. Assim que a melodia atinge um pequeno salto entre oitavas, da G4 à G5, ela resvala. O pânico a invade. A respiração vira chumbo.

– *Muitas felicidades...*

No des, o ar acaba. A canção é estrangulada no meio da respiração. Uma melodia natimorta.

– Muitos anos de vida – conclui ela, sarcástica e atonal feito uma comediante americana, a expressão impassível.

Corre o dedo pela garganta num gesto de corte, para caso a mensagem não tenha ficado clara.

– É paralisia? Ouvimos dizer que algo assim aconteceu com... – A mãe baixa o tom de voz: – *Adele*.

Freya percebe a esperança na voz da mãe. Não por desejar uma paralisia das cordas vocais, mas por querer associar Freya a Adele. Alguns anos atrás ela leu livros que reinterpretam a filosofia chinesa e aderiu aos ensinamentos de maneira desmedida. Seu lema passou a ser *sonhe, seja*.

– Vou pedir uns exames – afirma o médico, enumerando-os: – Tomografia, biópsia, eletromiografia da laringe, talvez um raio-X. – Ele apanha um cartão, desliza-o pela mesa e encara Freya de um jeito não tão altruísta. – E talvez fosse bom pensar em conversar com alguém.

– A gente conversou, mas a lobotomia não adiantou.

– Freya! – ralha a mãe, e acrescenta para o médico: – Nós já estamos consultando um terapeuta.

Nós. Como se nós duas frequentássemos as sessões. Como se nós duas tomássemos os remedinhos que supostamente aplacariam a ansiedade que supostamente sufocara a voz de Freya.

– Aconteceu *do nada*. Literalmente da noite para o dia. Se fosse... – A mãe baixa a voz a um sussurro: – Se fosse *psicológico*, não aconteceria num piscar de olhos como foi, certo?

O médico apenas emite uns ruídos, como se não quisesse afirmar nem negar.

– Vamos marcar uma revisão para daqui a duas semanas.

Duas semanas é muito tempo, Hayden deixou isso bem claro. Cobrou favores para conseguir uma visita ao famoso médico, responsável por prodígios como Adele, Lorde e Beyoncé. Pagou 1.500 dólares pela consulta porque esse cara – Hayden jurou – é um milagreiro, insinuando que Freya não precisa de cuidados médicos a preços aviltantes, mas de um verdadeiro milagre.

O carro e o motorista de Hayden estão aguardando na saída, ainda que ele não tivesse mandado o motorista levá-la à consulta. O homem abre a porta e faz uma leve reverência.

– O Sr. Booth pediu que eu viesse.

Freya passara boa parte dos dois últimos anos nos escritórios de Hayden, mas a intimação a deixa nauseada. A mãe parece apavorada. Depois de todo aquele tempo, ainda age como se Hayden fosse o imperador, e ela, a camponesa. Passando freneticamente pelas mensagens de texto no celular, comenta:

– Ele só deve querer saber o diagnóstico.

Hayden Booth não convoca ninguém sem motivo e só para coletar informações. Freya tem certeza de que ele recebeu uma ligação do médico no instante em que a porta do consultório se fechou. Ou, quem sabe, talvez tivesse uma câmera escondida filmando toda a consulta.

Se uma árvore cai na floresta e ninguém ouve, ela emite som? Se Freya não for ao escritório de Hayden, ele não vai poder demiti-la. Se ele não a puder demitir, a carreira dela não vai acabar. Se a carreira dela não acabar, as pessoas ainda vão amá-la.

Certo?

– Estou cansada – diz Freya à mãe, com um aceno cansado. – Vai você.

– Ele chamou nós duas. – Ela olha para o motorista. – Ele chamou nós duas?

O motorista não faz ideia.

– Estou saturada de todas essas porcarias de consultas – prossegue Freya, encarnando o que sua mãe chama de "modo diva".

O "modo diva" confunde a mãe, porque, por um lado, *sonhe, seja*, mas por outro, é um pé no saco.

Quando a mãe se aborrece, faz um biquinho idêntico ao de Sabrina, ou talvez o de Sabrina seja idêntico ao dela. "É como se os genes tomassem partido", costumava brincar a antiga babá das duas,

querendo dizer que Freya se parecia com o pai: um tom de pele mais avermelhado, a testa alta, os reveladores olhos etíopes. Sabrina puxou mais à mãe, com os cabelos cacheados em vez de crespos, a pele clara o suficiente para se passar, se não por branca, por porto-riquenha.

Então sua mãe reconsidera e o biquinho some.

– Sabe de uma coisa? Talvez seja mais inteligente. Eu falo com ele. Vou lembrar que você só tem 19 anos. Que já chegou longe. Que estamos com muito gás. Fazer o público esperar só vai deixar os fãs ainda mais ávidos. Só precisamos de mais um tempinho. – Ela volta a atenção para o telefone. – Vou chamar um Uber para você.

– Mãe, eu sou perfeitamente capaz de ir sozinha para casa.

A mãe continua digitando. Freya já não pode andar de metrô sozinha. A mãe instalou um rastreador no telefone da filha, exercitando a cautela – conduta prematura como a postura de diva de Freya, já que ela não é famosa. Na escala de Hayden, ela se encontra em algum ponto entre celebridade instantânea e subcelebridade. Se sai para dançar numa boate ou entra no tipo de bar ou café frequentado por atores/modelos/cantores promissores, é reconhecida. Se participa de um evento num shopping, é sufocada pela multidão – mas já não faz isso, pois, segundo os assessores de imprensa, "não conversa com sua marca". No metrô, entre pessoas comuns, não é absolutamente ninguém. Para a mãe, porém, todas as atitudes devem ser ambiciosas.

– Eu vou só dar uma caminhada – diz Freya. – Talvez um passeio no parque para esvaziar a cabeça, ver o que está em liquidação na Barneys.

Ela sabe que a mãe não refuta o poder curativo da Barneys, embora Freya ainda se sinta um pouco desconfortável nesses lugares. Com frequência é seguida, e nunca sabe se é por ser meio famosa ou meio negra.

– Vá procurar alguma coisa bonita – fala a mãe. – Para relaxar um pouco.

– O que mais temos agendado? – pergunta Freya, por força do hábito, já que sempre tem algo e a mãe sabe tudo de cabeça.

A pausa constrangida da mãe é dolorosa. Porque a resposta é *nada*. Não há nada agendado, pois esse tempo foi reservado para o estúdio. Naquele exato instante ela deveria estar concluindo as gravações. Semana que vem Hayden vai passar sete dias em alguma ilha particular, depois voltará ao estúdio com Lulia, a cantora de dentes separados que ele descobriu no metrô de Berlim. Está tão famosa que seu sorriso escancarado estampa um outdoor da Times Square.

"Pode ser você ali", disse Hayden a ela certo dia.

Não mais.

– Nada – responde, enfim, a mãe.

– Então te vejo no apartamento.

– Bom, é quinta-feira.

Nas noites de quinta, a mãe e Sabrina sempre saem para jantar. Em geral não mencionam nada. Freya nunca é convidada.

Óbvio.

– Posso cancelar se precisar de mim – afirma a mãe.

O amargor é evidente. Freya sente o gosto. E fica pensando se vai estragar o esmalte de seus (recém-branqueados) dentes.

Essa situação também é constrangedora. Por que se ressentir da irmã? Logo de Sabrina, que, como diz a mãe, *sacrificou tanta coisa*. Ela sussurra isso da mesma forma que menciona o que vem acontecendo com Freya: "Você está só *tomando fôlego*." *(Tomando fôlego é eufemismo para autoimolação.)*

– É melhor você ir – retruca Freya antes que o amargor desintegre suas entranhas e deixe apenas um saco de pele vazio. – Hayden está esperando.

A mãe olha de relance para o carro e o motorista.

– Te ligo assim que tiver notícias. – Ela entra no carro. – Refresque a cabeça. Tire um dia para você. Não pense em nada. Nunca se sabe... Pode ser isso que o médico quis dizer. Aposto que, se conseguir passar o resto do dia sem pensar nisso, vai se sentir melhor. Vá fazer umas compras. Vá para casa e faça uma maratona de *Scandal*.

Isso, é exatamente disso que Freya precisa. E talvez um copo de leite morno. E mais uma lobotomia.

Ela espera a mãe se afastar e começa a caminhar, não em direção à Barneys, mas rumo ao parque. Pega o telefone e dá uma olhada no feed do Instagram. Vê mais uma foto sua, parada em frente ao estúdio na Segunda Avenida, debaixo de uma cerejeira que acabava de florir. Na legenda, *#Musica #Flores #Vida #CoisasLindas*, e os comentários são tão amáveis que deviam fazê-la se sentir melhor: *Nada + Lindo Q VC... PRECISO DE NOVO VID!... Segue de volta PF!!!!*

Um carro buzina e alguém a puxa de volta para a calçada, encarando-a com um olhar de escárnio, como se dissesse "presta atenção". Freya não agradece; apenas adentra o parque, onde não há tráfego e ela pode ler os comentários em paz.

Ela abre o YouTube. Por instrução de Hayden, faz meses que não publica nada. Ele queria ver os fãs "famintos" por novidades, para que devorassem o novo álbum e os novos clipes quando fossem lançados. Freya sentiu medo de ser esquecida, mas Hayden replicou que havia outras formas de se manter na mídia e contratou uma assessora de imprensa, cujo trabalho era plantar uma série de furos anônimos a respeito dela.

Freya sobe um monte até uma pequena ponte. Um grupo de ciclistas passa por ela zunindo, cortando o ar com assobios estridentes, como se fossem os donos do parque. Ela abre o Facebook. Digita "Sabrina Kebede". Embora só se permita fazer isso uma vez por mês, sabe que não vai haver nada lá. A página de sua irmã no Facebook passou os últimos dois anos quase inativa, talvez duas ou três publicações, quase sempre marcações.

No entanto, lá está uma nova postagem, de semanas atrás. Uma foto, postada por alguém de nome Alex Takashida, mostra um homem, provavelmente ele mesmo, segurando uma mão delicada com um pequeno anel de safira. Na legenda, os dizeres: *Ela aceitou!*

O rosto está cortado, mas Freya reconhece aquela mão.

Ela aceitou! Freya leva um minuto para entender o que aquilo significa. A irmã está noiva. De Alex Takashida. Alguém de quem nunca ouviu falar, muito menos conheceu.

Clica na linha do tempo de Alex e descobre que as postagens dele são públicas, e Sabrina está em quase todas, mesmo que não marcada. Lá está Sabrina brindando com Alex num restaurante. Sabrina e Alex numa praia. Sabrina com um sorriso radiante, entre Alex e a mãe delas. Sabrina sem cara de quem *sacrificou tanta coisa*, mas de alguém feliz.

Freya sente ânsia de vômito. Para se consolar, abre o aplicativo que controla o que a mãe agora chama de engajamento. Nem precisa mais ver os comentários para se sentir melhor. Basta saber que estão lá. Que as curtidas e os seguidores estão aumentando. O aumento dos números é reconfortante. Um eventual decréscimo a faz sentir um embrulho no estômago.

Hoje, os números estão subindo. As postagens no estúdio sempre vão bem. Os fãs estão empolgados com o álbum. Freya pensa o que vai acontecer quando os meses forem passando e o álbum não sair.

Só ela sabe. Na primeira reunião com Hayden, ele contou exatamente o que aconteceria.

Abre os comentários da publicação fajuta da manhã. *Amei as flores. Mal posso esperar pelo álbum.* ❤️❤️🌟🎶🎶🎧

Recarrega a página para ver se algo mais entrou, só que não há nada. Embora saiba que só vai se sentir pior, retorna à foto da mão de Sabrina. Os ciclistas passam batidos, buzinando e gritando para que ela preste atenção, mas Freya não consegue tirar os olhos da irmã e de tanta felicidade. Não consegue se livrar da nauseante sensação de ter feito tudo errado.

Eu perdi o rumo, pensa mais uma vez, e compreende como aquilo é verdadeiro. Outro ciclista passa buzinando, e Freya, ainda encarando o anel de safira da irmã, dá um salto para trás e cambaleia. De repente, não se vê apenas perdida, mas caindo da ponte em cima de alguma pobre alma.

• • •

Na hora em que Freya consulta mais um médico incapaz de ajudá-la, Harun está tentando rezar.

Enquanto uma maré de homens adentra a mesquita, tomando seus lugares em redor de Harun e seu pai, ele tenta direcionar suas intenções a Deus. Mas não consegue, de jeito nenhum. Já não sabe quais são suas intenções.

Ele lhe apontará uma saída, o primo escreveu numa mensagem de texto. Mas qual é a saída de Harun?

Eu perdi o rumo, pensa Harun, e as orações começam.

– *Allahu Akbar* – ele ouve o pai entoar a seu lado.

Mais uma vez, o pensamento: *eu perdi o rumo*. Harun procura manter a atenção. Mas não consegue. Não consegue pensar em nada além de James.

Me perdoe, Harun lhe escreveu hoje de manhã.

Sem resposta.

Nem *Sai da minha vida, merda*, que foi a última coisa que James lhe dissera.

Não haveria resposta. James nunca falava nada sem acreditar de fato.

Ao contrário de Harun.

Quando termina a prece do *zuhr*, Harun e o pai saem para calçar os sapatos e trocar amenidades com os outros homens. Por todo lado só se fala em Hassan Bahara, que morreu na semana passada enquanto abastecia o carro num posto de gasolina.

– Foi o coração – afirma Nasir Janjua a Abu.

Seguem-se estalidos de língua. Confissões de colesterol alto. Insistência das esposas para que façam mais exercícios.

– Não, não – diz Nasir Janjua. – Ele era cardiopata, mas a doença era silenciosa.

Uma doença do coração. Harun sabe uma coisa ou outra sobre o

assunto. No entanto, ao contrário de Hassan Bahara, sua doença não é silenciosa. Já faz anos que a conhece.

Abu aperta o ombro de Harun.

– Tudo bem?

Eu perdi o rumo. Ele se imagina dizendo isso a Abu.

Porém, isso só deixaria o pai desconsolado. A escolha era sempre de qual coração despedaçar. Era inevitável partir o próprio coração. Já estava dilacerado. É o que acontece com os corações defeituosos.

– Sim, Abu, tudo bem.

– Tem certeza? Você não costuma vir aqui.

O tom não é reprovador. Seu irmão mais velho, Saif, começou o ensino médio justo no 11 de Setembro. Logo depois, começou a adotar o nome Steve e se recusou a frequentar a mesquita. Quando Harun parou de ir, a batalha já tinha sido perdida. Ou ganha – dependia do ponto de vista.

– Imaginei que, como estou indo... – A frase fica no ar. – Amir vai todos os dias.

– Sim, seu primo é muito devoto. – Abu bagunça o cabelo do filho. – Você é um bom rapaz. Fez Ammi muito feliz.

– E você?

– Sempre.

É pelo *sempre* que ele faz isso. Para continuar com o sempre. Para jamais perder o sempre.

Os dois chegam ao cruzamento das avenidas Sip e Westside. Harun vira à esquerda, no sentido oposto ao de sua casa e da loja de Abu.

– Achei que hoje você não tivesse aula – diz o pai, presumindo o destino de Harun.

As quintas-feiras nunca têm aula. São o dia invisível acrescentado no ano passado ao calendário semanal. São o dia dos encontros em Manhattan, onde eles podem flanar pelas ruas como fantasmas.

No inverno, os dois se encontram em Chelsea Market e percorrem os restaurantes onde não podem se dar ao luxo de comer, enquanto

James (que sonha ser chef) encara com paixão as massas frescas, os croissants amanteigados, as salsichas penduradas nas vigas, e descreve todos os pratos que um dia vai preparar para eles. Quando o tempo está quente, se encontram debaixo de uma pequena ponte arqueada no Central Park.

Os dois não perderam uma quinta sequer. Nem quando uma nevasca interditou os trens de superfície, nem quando a bronquite de James atacava e tudo o que Harun desejava era levá-lo a um lugar quentinho e seco – apesar de todos os esforços, não conseguia imaginar onde. Eles acabavam em algum café, tomando chá e vendo vídeos no YouTube, fingindo que estavam em casa.

– Vou só resolver umas coisas – explica Harun.

– Não se atrase para o jantar – responde Abu. – Sua mãe tirou dois dias de folga do trabalho para cozinhar. Seu irmão está vindo. Com a esposa.

O pai tenta não fechar a cara ao mencionar da mulher de Saif, mas sem muito sucesso.

– Não vou me atrasar – garante Harun.

Porém, antes de sair de casa, pegou o passaporte e 500 dólares, reservados para a viagem de amanhã, e enfiou no bolso. Foi um ato irrefletido, de última hora, mas abriu a possibilidade de não entrar naquele avião, de fugir de verdade, e nesse caso ele se atrasaria bastante para o jantar.

Covarde.

Eu perdi o rumo.

Harun se despede do pai com um abraço, o que não faz com frequência. Pensa se não vai levantar suspeitas, mas não é o que acontece.

– Esteja em casa a tempo – pede Abu. – Você sabe como a sua mãe fica.

Logo que Abu fica fora de vista, ele digita: Indo pro nosso canto no parque. Me encontra lá.

Na Journal Square, adentra a estação de trem. O cheiro dos túneis – lembrando garagens velhas e bolorentas – o faz sentir saudades de James.

Tudo faz.

Pega o trem até a estação final da 33rd Street e segue caminhando, passando diante dos letreiros das lojas de roupas. Antigamente, antes de conhecerem os espaços públicos secretos da cidade, os dois às vezes paravam numa dessas lojas e experimentavam todos os suéteres e calças que não tinham a menor intenção de comprar só para poderem se enfiar na mesma cabine e, por detrás das portas de ripas, trocavam um beijo em meio aos casacos largados no chão. De vez em quando, compravam algumas coisas, como as meias que Harun está usando hoje. Chamavam essas peças de "aluguel".

O celular toca e Harun dá um salto, a esperança se avolumando feito uma onda, mas não é James.

– Achei que seria gentil comprar aquele creme de mãos para Khala – comenta Ammi, ainda que já haja uma mala inteira de presentes para Khala e Khalu, para os primos e, naturalmente, para as famílias que ele talvez conheceria. – Está perto do Hudson?

O Hudson é um shopping perto de casa.

– Claro – responde ele.

O que é uma mentirinha a mais na montanha fumegante de mentiras?

– E um pouco de gengibre. Quero fazer um chá para você levar no avião.

– Não vão me deixar passar com líquido no controle de bagagens.

– Bom, para tomar antes, então – responde Ammi. – Para preservar a saúde.

A garganta de Harun se fecha. Ele é covarde, mentiroso e um péssimo filho. Logo que desliga, no minuto seguinte, o telefone vibra com uma mensagem de texto. Ele o pega, mais uma vez esperançoso, mas é Amir.

Te vejo em breve, Inshallah.

Inshallah, responde ele.

Harun adentra o parque, guiado pelo piloto automático e a esperança, e segue até o ponto de encontro na ponte. Ao ver alguém parado lá em cima, sob a cerejeira, onde naquele último dia eles se beijaram, fica confiante mais uma vez. Pode ser ele, diz a si mesmo, ainda que a pele seja muito clara e a silhueta, muito pequena. Além do mais, é uma mulher. Se pelo menos James fosse mulher... Rá.

Estou aqui, escreve Harun.

Não há resposta, mas isso não o impede de ver James por toda parte. Lá está James andando de bicicleta, de calça legging, embora ele se horrorizasse só de se imaginar usando algo tão ridículo. Lá está James fazendo jogging com um carrinho de bebê especial, embora ele odeie se exercitar. Lá esta James vindo em sua direção, pelo túnel debaixo da ponte.

Nenhuma dessas pessoas é James, e Harun as odeia por esse motivo. Odeia tudo e todos neste mundo. Se Alá fez o mundo, por que fez Harun errado? Se Alá é amor, por que não é James caminhando pelo túnel, em vez de algum garoto branco?

É nisso que ele está pensando no exato instante em que a garota que não é James despenca da ponte, desabando com um baque alto no garoto que também não é James.

• • •

Na hora em que Freya consulta mais um médico incapaz de ajudá-la e Harun está tentando rezar, Nathaniel emerge numa rua apinhada de Manhattan, sem a menor ideia de onde se encontra.

– Eu perdi o rumo – diz ele, em meio aos transeuntes.

Não se surpreende com a ausência de resposta. Já faz um tempo que é invisível.

Ele seguiu exatamente o trajeto indicado na placa do aeroporto.

Caminhou até a beirada do terminal, subiu no ônibus em direção a Manhattan. Porém, deve ter cochilado, pois acordou com o sibilo da porta do ônibus já vazio.

Nathaniel tenta manter o foco, mas está desorientado e exausto. O apelido do voo que pegou, "olho vermelho", acabou se tornando literal.

Na noite anterior, enquanto o avião sobrevoava os campos de um país que ele nunca chegaria a conhecer, os passageiros roncavam à sua volta, com máscaras de dormir e travesseiros de pescoço, tomando comprimidos para criar a ilusão de que estavam em casa, na cama. Ele, no entanto, não pregava o olho fazia duas semanas, então havia pouca chance de êxito no avião. Depois da decolagem, o passageiro no assento à frente inclinou o encosto, colando os joelhos de Nathaniel no peito. Ele passou a noite em claro, lendo o exemplar de *O Senhor dos Anéis* do pai e, quando não conseguiu mais aguentar, o guia de viagem que roubara da biblioteca. À luz fraca da cabine, aprendeu sobre lugares que não veria. O Empire State. O Met. O Central Park. O Jardim Botânico de Nova York. Percorreu as páginas do índice e encarou a folha de papel que recebera do pai: o ponto de encontro.

À luz do dia, pisca os olhos e tenta se orientar. Tudo é novo, muito diferente. Os prédios são mais altos do que as árvores mais altas. A luz perpassa as nuvens, e o barulho é tão alto que ele precisa fechar os olhos para processar os sons (ali, a pancada grave do reggae; lá, o ruído distante de britadeiras; acolá, vozes discutindo; do outro lado, um bebê chorando). Depois de tanto silêncio, está sofrendo um choque de cultura auditivo, se é que tal coisa existe.

Nathaniel é puxado de volta ao momento presente quando alguém o empurra. É um gesto grosseiro, nova-iorquino, até, mas ele aprecia o toque humano. Faz duas semanas que está sozinho, só que parece uma eternidade, e o garoto aceita o que vier.

Ainda assim, quando outro transeunte irritado manda-o se afastar, ele obedece. Escapa do fluxo de pessoas e se protege sob uma mar-

quise. Dali, pode observar. Há mais gente do que já viu num lugar só, fazendo tudo depressa, desde fumar cigarros até conversar animadamente pelo celular. Ninguém olha para ele.

De fato não tinha levado isso em conta. O povo. A cidade. Sente pesar por não ter tempo de viver essa experiência. Então, aonde mesmo precisa ir? O metrô, uma sopa de letrinhas e números. Era fácil decorar seu trem: apenas A. Segundo o mapa do aeroporto, o ônibus deveria tê-lo deixado bem na esquina de uma estação. Mas ele não está numa esquina e, sim, no meio de um comprido quarteirão. Caminha até a esquina mais próxima. Na placa se lê *42nd Street*. Em frente à rua há um parque, um trecho de verde entre os arranha-céus. É algo bom, inesperado – até o parque parece surpreso em se ver ali –, mas não o ajuda a descobrir onde está nem onde deveria estar.

– Eu perdi o rumo – diz à enxurrada de pedestres. – Alguém pode me dizer para que lado fica o trem A?

No entanto, eles continuam avançando, um organismo de milhões de braços e pernas, e não vários indivíduos, junto a Nathaniel, o aleijado.

No guia de viagem, ele havia lido que Manhattan era bem esquematizada: as avenidas corriam de norte a sul, as ruas, de leste a oeste, os números das ruas iam aumentando rumo ao norte, e as avenidas se dividiam em leste e oeste, sendo que a Quinta Avenida corria pelo meio feito uma espinha. Caso o turista se perdesse, os marcos podiam ajudar na localização: as Torres Gêmeas ao sul, o Empire State ao norte.

As Torres Gêmeas, como ele bem sabe, desapareceram. É um certo excesso de confiança imprimir num livro esse tipo de marco, como placa de sinalização, presumindo que a construção vai sempre estar ali.

"Um dia nós vamos a Nova York", seu pai lhe prometeu, escrevendo na lista da parede interna do armário. "Um dia vamos ao monte Denali."

"E ao Condado?", perguntou Nathaniel, quando ainda era pequeno demais para saber a diferença entre os locais reais e os imaginários.

"Claro. Vamos também."

Táxis amarelos transitam, iguaizinhos aos que apareciam nos programas de tevê que via com o pai de vez em quando, entre os documentários. Ele poderia pegar um táxi até o destino final. Puxa a carteira e conta discretamente o restante do dinheiro (o guia alertava: "Cuidado com batedores de carteira e golpistas"). Depois de esvaziar a conta bancária, tinha dinheiro suficiente para a passagem aérea e o bilhete de ônibus de ida e volta do aeroporto, e sobravam cerca de 120 dólares. Uma parte dele sabia que era asneira ir a qualquer lugar, que dirá Nova York, com uma reserva tão pequena. Mas esse era exatamente o objetivo: retirar a rede de proteção, eliminar a possibilidade de voltar atrás.

Ainda assim, mesmo depois de tanto tempo de prudência e parcimônia, ele não consegue se despir por completo dos antigos hábitos. Decide não pegar o táxi. Não faz ideia de quanto vai custar a corrida. Nathaniel tem cheiro de interiorano, parece um matuto, e talvez o taxista lhe tire o couro. ("Cuidado com batedores de carteira e golpistas.") Além disso, não sabe como chamar um táxi. Vê os outros fazendo, pisando na rua e estendendo a mão, mas suspeita que vá ser atropelado se os imitar.

Pega o telefone, com tanta saudade do pai que chega a doer. Digita o número. Três toques antes de cair na caixa postal.

"Me conte algo de bom", diz a voz gravada do pai.

– Oi, pai – fala Nathaniel. – Cheguei.

Desliga o telefone, abre o guia e percorre o mapa central. Encontra a 42nd Street e traça uma linha com o dedo até encontrar um quadrado verde. Fica admirado, aliviado, até entusiasmado em ver alguma representação, alguma prova de onde está.

O trecho verde é o Bryant Park. A 6th Avenue, que corre a oeste do parque, desemboca no Central Park. Central Park! Era um dos

lugares do livro. À esquerda do parque ele vê o grande círculo azul, indicando o trem A. Poderia caminhar até lá. Por que não?

Começa a andar, sentindo a mesma leveza que experimentara ao tomar a decisão de ir até ali. Cruza a 50th Street, as placas espalhafatosas indicando o Rockefeller Center, mais gente num único cruzamento que em toda a sua turma do último ano da escola. Passa pela 54th Street e vê as placas para o Museu de Arte Moderna; embora nem entre, sente como se tivesse visitado uma parte. ("Um dia vamos ver a *Mona Lisa*", prometera o pai. Embora Nathaniel tenha plena certeza de que a *Mona Lisa* não fica ali, tem a sensação de que o pai cumpriu um pedacinho da promessa.)

Ele chega ao Central Park mais depressa do que imaginava. Rápido demais. Vê que a orla do parque a oeste fica ao lado do grande círculo onde se localiza o trem A, mas torna a abrir o mapa do livro. O parque em si se estende até a 110th Street. Ele pode ir andando até lá. Ou cruzar tudo, até o fim. No ônibus, antes de cochilar, tivera um vislumbre do avultante horizonte de Manhattan do outro lado do rio logo antes de adentrar o túnel. Parecia inconcebível penetrar tamanha fortaleza, mas lá está ele. Pode se dar ao luxo de se demorar um pouco. O pai vai entender.

Ao entrar no parque, surpreende-se ao ver como é familiar. É uma natureza totalmente distinta da que existe onde ele cresceu, mas no fim das contas árvore é árvore, flor é flor, pássaro é pássaro, vento é vento.

No céu, o sol está um pouco a oeste do ápice do meio-dia. Ele sabe onde está. Sabe para que lado fica o norte. Abandona a via principal e começa a percorrer uma das trilhas menores. Talvez vá se perder um pouco, porém já não está sonolento. Sente-se desperto e vivo como há dias não ocorre. Sabe aonde está indo.

A trilha segue serpeando sob uma pequena ponte arqueada, um portal subterrâneo dentro do parque. Ele examina os tijolos. São tão velhos que a pedra angular que une as duas frestas é quase invisível.

Debaixo da ponte é escuro, o ar tem um cheiro de bolor. Nathaniel prende a respiração, como costumava fazer quando passavam de carro pelos túneis, seu pai o encorajando durante os mais compridos (*está quase lá, camarada*).

Estou quase lá, ele diz ao pai enquanto emerge do túnel. Sente um sopro de ar, que nada mais é do que Freya despencando, mas não tem tempo de ver, muito menos de compreender, pois ela cai por cima dele e o mundo inteiro escurece.

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br